

Livros

O Ano Vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*

de Luiz Alberto Moniz Bandeira, Clóvis Melo
e Aristélio Travassos de Andrade

O Ano Vermelho: entre 50 e 100 anos

O Ano Vermelho: between 50 and 100 years

por Luccas Eduardo Maldonado**

A Revolução de Outubro, certamente, foi um dos processos mais importantes do século XX, pois, a partir dela, um variado conjunto de desdobramentos foi influenciado, direta e indiretamente, ao redor do globo. Leitura que, em certa medida, Karl Kautsky (1854-1938), mesmo sendo um dos intelectuais mais duramente criticados pelos revolucionários russos, reconheceu, na carta que escreveu na ocasião da morte de Lenin em 1924, “Epitáfio de Lenin”, ao atribuir o caráter precursor aos homens que construíram o movimento de 1917: “todos os trabalhadores da Rússia e todos os trabalhadores do mundo [...] irão lembrar com gratidão de todos os seus grandes pioneiros que, por décadas cheias de lutas e tribulações, prepararam a Revolução Russa e, depois, conduziram-na à vitória”¹.

* Publicação original de 1967, da editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. A versão de 2004 foi realizada pela editora Expressão Popular, São Paulo. Uma nova edição, comentada e revisada, está prevista pela Civilização Brasileira para outubro de 2017, na ocasião do centenário da Revolução de Outubro.

** Graduando em História pela USP, São Paulo-SP, Brasil. Assistente de pesquisa de Luiz Alberto Moniz Bandeira. End. eletrônico: luccas_eduardo@hotmail.com

¹ A citação é feita a partir da tradução, feita pelo presente autor, que será publicada, no final de 2017, como anexo no livro *Lenin: vida e obra*, autoral de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

No presente ano, completa-se o centenário da Revolução Russa e uma série de projetos, sejam editoriais, acadêmicos, políticos ou outras formas, estão sendo pensados e desenvolvidos. Trata-se, de fato, de uma data privilegiada para se pensar os 100 anos do “socialismo real” e, concomitantemente, os próprios rumos que estão sendo construídos pela esquerda. Encontra-se, nessa disposição, a relação entre passado e presente, um dos predicados mais essenciais do saber histórico: tal ciência trata-se de um pensamento, criado no presente, que, ao abordar o passado, encontra formas capazes de ainda preservar sentido. É, nessa particularidade, que se localiza a maior validade a respeito da Revolução Russa: de maneira múltipla, ela ainda concebe significados para os homens contemporâneos.

No ano de 1967, quer dizer, período que se completou 50 anos da Revolução Russa, processos de reflexão e publicação semelhantes, apesar de estarem influenciados, em grande parte, por outras conjunturas, desdobram-se. Dentre os inúmeros ao redor do globo, a Editora Civilização Brasileira, comandada pela pessoa de Ênio Silveira (1925-1996), empreendeu um plano editorial a respeito da Revolução de Outubro. A iniciativa contou com um significativo fôlego, pois, resultou em um conjunto de notáveis lançamentos, entre eles, biografias de revolucionários russos, um número especial na revista da editora sobre o processo e a importante edição de *O Ano Vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*.

O “*Ano Vermelho...*” é o resultado de um trabalho feito a três mãos, Luiz Alberto Moniz Bandeira, Clóvis Melo e Aristélio Travassos de Andrade, por sugestão de Silveira. Mais precisamente, no final de 1966, Moniz Bandeira, que já cultivara uma amizade com o editor, foi convidado por ele para desenvolver e escrever um estudo sobre os reflexos da Revolução Russa no Brasil. O intelectual, que na época estava na clandestinidade – no princípio daquele ano, a 1ª Auditoria da Marinha, baseando-se na Lei de Segurança Nacional e no Código Penal Militar, decretara a sua prisão preventiva –, aceitou construir o projeto.

O processo de escrita e pesquisa seria difícil para Moniz Bandeira, embora já contasse com relativa experiência autoral no período, já publicara quatro livros, pois, além de sua biblioteca estar separada em vários lugares distintos, medida tomada com o fim de se proteger do sistema repressivo que lhe procurava, não podia comparecer em órgãos públicos, importantes para a investigação, como o Arquivo e a Biblioteca Nacional, devido a possibilidade de ser preso. A saída para tal problemática foi aceitar a colaboração de dois homens: C. Melo e A. T. Andrade. Indivíduos que, no Rio de Janeiro da década de 1960, trabalhavam como jornalistas nos periódicos cariocas – profissão que, até 1964, Moniz Bandeira também exercera naquela cidade. Melo e Andrade eram militantes de esquerda,

filiados ao Partido Comunista Brasileiro² (PCB), e interessados na história do movimento operário. Tal curiosidade seria a chave para aproximação e trabalho conjunto dos três em um caminho comum.

A obra é resultado de duas frentes de trabalho: a consulta de livros sobre a temática e a exploração documental em arquivos. No ano de 1967, apesar de haver no Brasil a presença e a militância de movimentos operários desde o final do século XIX, não havia uma significativa bibliografia a respeito do assunto. Aparentemente, até então, só alguns títulos acadêmicos tinham sido publicados, como, por exemplo, *História das Ideias Socialistas no Brasil*, de Vamireh Chacon, e *Contribuição à História das Lutas Operárias no Brasil*, de Hermínio Linhares. O que se encontra, em maior quantidade, eram memórias, relatos e análises de época redigidos pelo punho de veteranos militantes que, de formas distintas, participaram do movimento operário no princípio do século XX, entre eles, os originários de Astrojildo Pereira, A. Piccarolo, Nereu Rangel Pestana, mais conhecido pelo seu pseudônimo Ivan Subiroff, e Everardo Dias.

O trabalho de arquivo foi rapidamente executado, sendo explorado, fundamentalmente, duas coleções particulares e duas públicas. No primeiro, o acervo de jornais brasileiros do início do século XX do Arquivo Nacional – nesse espaço, estavam disponíveis periódicos de grande circulação dos mais influentes grupos econômicos – e os diversos comunicados diplomáticos da legação brasileira na Rússia, durante e antes da insurreição de outubro, acessíveis para consulta no Arquivo do Itamaraty. No segundo caso, o múltiplo e variado patrimônio documental de dois importantes militantes de esquerda e, em certa medida, antiquários, por preservarem com eles, ao longo de suas trajetórias políticas, volumoso conjunto de documentos: Astrojildo Pereira (1890-1965) e Edgard Leuenroth (1881-1968). Aliás, foi para esses dois notáveis sujeitos que os autores dedicaram o seu livro; homenagem, com significado de gratidão e respeito, certamente, merecida, pois, a obra *O Ano Vermelho* foi o primeiro estudo a utilizar, de maneira extensiva, esses dois arquivos que, mais tarde, estariam dispostos para consulta aos pesquisadores em duas instituições de preservação.

A empreitada desses três homens resultou em uma grande descrição das primeiras organizações de esquerda brasileiras e os seus enfrentamentos com a República Velha, entre o final do século XIX e o ano 1922, data a qual se funda o Partido Comunista Brasileiro. Dessa forma, a obra centra o seu esforço

² O Partido Comunista do Brasil mudou seu nome para Partido Comunista Brasileiro no limiar da década de 1950 para 1960. No presente texto, optou-se por chamar pela segunda denominação independentemente do período histórico que se refere.

de análise entre o princípio do pensamento revolucionário da classe operária brasileira, originada do processo de imigração europeia, caracterizada por uma multiplicidade de organizações anarquistas e socialistas, até a fundação do partido, o PCB, que, paulatinamente, concentraria grande parte dos militantes na primeira metade do século XX no país. Não obstante o importante marco da concepção do comunismo no Brasil, o ponto máximo do estudo encontra-se no relato das greves gerais desenvolvidas pelo proletariado brasileiro, como reflexo direto dos acontecimentos da Rússia Revolucionária, em 1917.

O trabalho, realizado no final de 1966 e no princípio de 1967, foi rapidamente entregue a Ênio Silveira, uma vez que o escrito deveria passar por todo o processo editorial para ser publicado e vendido ainda no cinquentenário da Revolução Russa. As condições foram adversas, ao pouco tempo somou-se a clandestinidade de um dos autores, porém, com a sua saída do prelo, a obra tornou-se um marco. Dessa forma, foi lançado o primeiro livro a realizar um trabalho de fôlego a respeito dos reflexos da Revolução Russa no Brasil. É exatamente por tal particularidade que, em 2017, 50 anos após a sua publicação, o estudo ainda preserva um grau de importância histórica, mesmo com toda a nova bibliografia posteriormente publicada: por ser o princípio de uma linha de pesquisa no país. A recente divulgação de que será editada uma nova edição do livro, ainda no presente ano, com significativas reelaborações, certamente, é uma boa notícia, pois, a chegada nas livrarias dessa marcante obra, nessa importante data, será uma nova oportunidade, como foi em 1967, de se pensar a Revolução de Outubro.